

Fordismo & Toyotismo - uma visão comparativa
Fordism & Toyotism - a comparative view

Isnard Thomas Martins
Mestrando - Puc-Rio - Departamento de Informática

Fordismo , produção industrial, sistemas de trabalho

O Fordismo se traduz fundamentalmente pela consolidação da indústria com o processo de trabalho. A classe-que-vive-do-trabalho foi reduzida ao trabalho parcelado e uma intensa fragmentação funcional. A cumplicidade entre Fordismo e Taylorismo predominou na grande indústria capitalista ao longo deste século. Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série são substituídos pela flexilização da produção, por novos padrões em busca da produtividade. Este estudo procura tecer um paralelo entre estes sistemas e suas relações com o trabalhador.

Fordism , industrial production, works systems

The Fordism basically translates itself by the industry consolidation and the labor process. The people-who-lives-from-work-class were reduced to fragmented work and a fuctional fragmented work. The Taylorism-Fordism partnership prevails over the capitalist industry during this last century. New work processes are created, where the chronograph and the serial production are changed by production flexibility, moreover, by new patterns searching for the productivitty. This application tries to stablish a parallel between these systems and their relations with the working men.

Fordismo & Toyotismo - uma visão Comparativa

"Minha idéia é que a educação não representa apenas uma preparação para vida, mas sim uma parcela continuada desta vida" -
Henry Ford.

Mesmo antes da guerra çivil americana, muitos e muitos trabalhadores experimentaram a sua profunda dependência do trabalho assalariado para sobrevivência como escravo-salariado. Gradualmente a legitimidade do capitalismo se

reconstruiu supondo o salário como a sua mais forte motivação para realização , tornando-se o prêmio do consumo e a promessa de ainda melhores prêmios durante a escalada. Sob regime industrial que mais tarde seria referenciado como Fordismo, o trabalho alienado poderia ser justificado como prêmio da futura liberdade experimentada no espaço do consumismo.

Fordismo é um termo usado por analistas para referenciar o início do regime mecanizado de

0914

3

AUH

2502

Seminário 9

produção e consumo em massa da fabricação padronizada. Este modelo caracteriza-se pela produção serializada de bens com base na automação rígida, funcionando como mola mestra da eficiência e capacidade de concorrer em cenários, cuja base tecnológica não possibilitava resposta a demandas fracionadas ou individualizadas sem uma contrapartida de custo e escala, incompatíveis com a produção. O significado simbólico da oferta de \$5,00 por dia para trabalhadores que concordassem em se colocar à disposição da Ford Motors, meramente como trabalhadores alienados.

Entretanto o Fordismo era também o estágio de desburocratização corporativa, utilizado pelas maiores Empresas que solucionaram racionalmente o gerenciamento da produção e do consumo. Eventualmente, após 7 décadas do Fordismo, os seus custos criaram seus próprios fantasmas. Os trabalhadores consideraram a padronização do trabalho como desalentador e como uma desagradável forma de vida. Ironicamente foi esta padronização que permitiu a consolidação do sucesso do trabalho organizado nos Estados Unidos. A nova Era reconheceu variações como a acumulação flexível, Pós-Fordismo, globalização etc.

Taylorismo e os fundamentos do Fordismo

Na formulação do conceito de fordismo nos trabalhos na chamada "Escola Francesa da Regulação", identificamos dois níveis de abrangência: em um nível mais global, fordismo designa modelo de desenvolvimento (articulação entre um regime de acumulação intensiva e um modo de regulação "monopolista" ou

"administrado") que marca uma determinada fase de desenvolvimento do capitalismo em países centrais - os anos do vigoroso ciclo expansivo do pós-guerra (Ferreira, Hirata, Marx e Salerno, 1991). O termo Fordismo possui, entretanto, um significado mais estrito, designando um princípio geral de organização, compreendendo um paradigma tecnológico, uma forma de organização do trabalho e um estilo de gestão.

Baseando-se fundamentalmente no complexo metal-mecânico (bens de capital, de consumo durável e automóveis) e no setor petroquímico, e partindo de uma base técnica marcada pela automação rígida com máquinas altamente especializadas, o fordismo fundava sua eficiência na produção em massa com grandes lotes de bens padronizados.

A produção em série de produtos padronizados, principalmente os de consumo, em que a competição se dava basicamente via preços, tomava fundamental os ganhos de produtividade provenientes da economia de escala, seguindo daí a crescente tendência à concentração industrial, ao uso intensivo de materiais, energia, e capital fixo.

Por outro lado, o grande volume de produção acarretou maior divisão técnica do trabalho baseada na especialização das máquinas e da mão-de-obra, o que redundou no aprimoramento dos métodos Tayloristas e Fordistas aplicados à organização da produção e ao processo de trabalho.

A administração científica do trabalho,

concebida por Taylor, lançaria os fundamentos das técnicas de organização e racionalização do trabalho e da produção, aperfeiçoando a divisão social do trabalho e o controle dos trabalhadores. Desenvolvida nos Estados Unidos no início do século como uma solução que permitia restringir o poder dos operários de ofício nos processos produtivos e nos tempos de fabricação em favor da entrada de operários não-qualificados nas fábricas, o taylorismo impôs-se como uma norma de organização.

O Taylorismo gera um processo de trabalho particular baseado nos tempos alocados, especialmente adaptados à produção de grandes séries a baixo custo (Coriat, 1988). O fordismo, ao aprofundar esses princípios, desloca o controle sobre o ritmo de trabalho para a própria máquina (tempos impostos) e o processo de fabricação assume a forma de uma linha de montagem; o produto é transportado por esteiras rolantes e os trabalhadores, agora fixados ao longo dessa linha, vão agregando partes e componentes até a configuração final do produto (Caruso, 1990).

A engenharia produtiva taylorista e fordista baseia a eficácia a partir de uma organização em postos de trabalho parcelados e encadeados, incorporando uma mão-de-obra maciçamente formada por operadores semiqualeificados, com ritmo intenso de trabalho, tarefas simples, rotineiras e previamente especificadas, adaptados aos postos e trabalho, sem autonomia e com uma intervenção mínima no processo produtivo.

O trabalho qualificado restringe-se a uma

minoridade que possui conhecimentos e habilidades mais complexas e a qualificação é associada à gestão do processo produtivo, aos postos de concepção e supervisão, desvinculados das tarefas de produção direta.

A associação da racionalização taylorista / fordista (a extrema divisão do trabalho ao desenvolvimento da mecanização através de equipamentos especializados) tem como consequência, uma forte desqualificação da mão-de-obra.

Do ponto de vista das relações de trabalho, desenvolve-se, principalmente entre os amplos contingentes de trabalhadores das grandes empresas, uma forte estrutura sindical e um complexo sistema de relações coletivas de trabalho, de treinamento, de promoções e de escalas materiais que implicaram amplas conquistas trabalhistas e de seguridade social. Estes fatores possibilitaram considerável aumento nos salários, propiciando um amplo mercado para o consumo de bens duráveis. A produção para o consumo de massa ampliou, apesar da crescente automação, o volume de emprego, inicialmente na indústria e em seguida nos serviços a ela vinculados, como distribuição, financiamento, comunicação, sujeitos ao mesmo processo de trabalho taylorista.

Distinção entre Fordismos

Embora dominante nos países capitalistas centrais no pós-guerra, o fordismo não pode ser considerado universal e único, no sentido de uma estrutura única ou hegemônica. Apesar de grandes traços comuns, verificaram-se